

Acesso de moças e mulheres a educação técnica e vocacional: um caso brasileiro*

Sônia Ana Leszczynski

INTRODUÇÃO

Desde a II Guerra Mundial o Brasil tem atingido considerável sucesso em democratização e modernização na educação. Um indicativo aparece no índice geral de escolaridade que era de 9.05, em cada 100 pessoas, em 1940, para 21.84 em 1980 (Rosemberg & Pinto, 1985).

Rosemberg (1992) apontou recentemente que, apesar das reformas educacionais e o relativo aumento nas oportunidades para a educação, o sistema educacional brasileiro continua privando um grande segmento da população em favor de outros, desta maneira conferindo um status de elite a alguns poucos afortunados. Elitismo dentro da educação tem compelido educadores brasileiros a analisar e redefinir as prioridades e tem servido de base nas propostas políticas e de ação nas reformas educacionais. Barreto (1979), Mello (1982) e Saviani (1983) têm argüido veementemente que o sistema educacional brasileiro necessita ser oportunizado a todos os brasileiros e não a pequenos grupos de elite.

Adicionado ao elitismo na educação como um todo, estudos conduzidos no Brasil (Viveros, 1992; Kelly & Nihlen, 1982) têm indicado que há diferença na maneira como é conduzido o ensino e na distribuição do conhecimento quando o homem e a mulher estão na mesma sala de aula. Resultados posteriores têm apontado redução no índice de aproveitamento para o sexo feminino. Viveros (1992) menciona (mas não cita nenhum estudo) que durante as duas últimas décadas alguns poucos estudos na área de gênero têm sido conduzidos, mas ainda não foram publicados.

Rosemberg e Pinto (1985) têm apontado enfaticamente a desigualdade nas oportunidades para educação na população brasileira. Brancos das áreas urbanas no sul do país tem acesso a melhor educação. Existe ainda uma correlação muito forte entre educação e o padrão sócio-econômico da família.

Em um nível mais geral, Haussman e Haar (1978) caracterizaram o sentimento de educadores brasileiros quando aclamaram o sistema educacional brasileiro de 'sonolento' e 'moroso'. Por isso, eles consideraram que a educação no Brasil está dormindo e tem falhado em manter-se atualizada com as demandas das mudanças na sociedade brasileira. Em um forte contraste com as necessidades educacionais da população brasileira, o sistema educacional permanece em sintonia com as demandas dos setores mais influentes e afluentes da sociedade. De fato, as oportunidades para educação aumentaram na segunda metade do século vinte (Haussman & Haar, 1978), mas apesar das inúmeras reformas de expansão o sistema educacional permanece essencialmente rígido, seletivo, elitista e exageradamente academicista.

Pesquisa sistemática sobre gênero e questões de igualdade nas salas de aula quase não existe. Em 1992, metade do número de estudantes era do sexo feminino. No entanto, segundo Rosemberg (1992), o sistema formal de educação discrimina a mulher de tal maneira que a educação de homens e mulheres é fundamentalmente diferente. Por exemplo, as escolas continuam reforçando estereótipos. Isto significa que as estudantes do sexo feminino continuam sendo vistas como passivas, dependentes e menos capazes que seus pares do sexo masculino (Safa, 1992). Diferentes hipóteses sobre como esses estereótipos apareceram no sistema educacional brasileiro podem ser generalizadas, mas informações específicas sobre as práticas em sala de aula que direta ou indiretamente resultam em comportamentos discriminatórios ainda não estão disponíveis.

O crescimento na conscientização de aspectos de gênero foi evidenciada com a participação de ativistas femininas no Décimo Segundo Encontro Anual do SBPC (Encontro da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência), sediado no Rio de Janeiro, em 1980. Essa atividade deu uma grande visibilidade e credibilidade aos assuntos ligados à mulher. Muitas delas contestaram que

(*) Versão condensada do "paper" apresentado no "International Expert Meeting on the Promotion of Equal Access of Girls and Women to Technical and Vocational Education", Seul, República da Coreia, 10-15 de julho de 1995. O Prof. Herivelto Moreira representou a autora nesse evento.

a igualdade entre os sexos não será alcançada enquanto a mulher não for igualmente integrada na estrutura de poder, não puder representar a si mesma, e trabalhar diretamente nos direitos femininos (Riddell, 1986; Safa, 1992).

Finalmente, o acesso ao treinamento vocacional em nível secundário é ainda restrito no Brasil, especialmente para a mulher. Ensino técnico de segundo grau é de domínio masculino, principalmente em áreas como mecânica, eletrônica, e construção. Conseqüentemente, poucas mulheres (mesmo de classes média e média-alta) têm conseguido assegurar acesso em escolas técnicas de qualidade e avançado em posições influentes na área governamental e na indústria.

O propósito deste "paper" é apresentar um breve panorama da situação da mulher no Brasil, especialmente no ensino técnico de segundo grau. Dados sobre a situação feminina na educação técnica foram obtidos no Centro Federal de Educação Tecnológica do Paraná - Cefet-PR, que é uma escola-modelo no Brasil e tem sido ponto de partida para várias mudanças no país.

FATORES DETERMINANTES DA ORIENTAÇÃO DE MULHERES E MOÇAS PARA EDUCAÇÃO TÉCNICA E VOCACIONAL

Em uma apresentação nas Nações Unidas, Dunlop (1979) apontou que "...mulheres e moças constituem metade da população mundial", porém "...mundialmente, metade das mulheres atendem às escolas com relação aos homens. Dois em cada três analfabetos são mulheres." Uma grande concentração de mulheres analfabetas se encontra em países do Terceiro Mundo. No Brasil e no México, havia 93.686.871 mulheres em 1980 (Riddell, 1986). Na realidade, porém, somente uma pequena porcentagem dessas mulheres teve oportunidade de seguir uma carreira através da educação acadêmica. O número de mulheres, nesses países, que concluíram a oitava série é muito baixo. Em 1984, apenas três milhões em 110 milhões de brasileiros atenderam ao Segundo Grau. Considerando que aproximadamente metade da população pertence ao sexo feminino, é possível concluir que apenas 2,3% de todas as mulheres concluíram o Primeiro Grau.

Algumas das principais barreiras para educação de mulheres no Terceiro Mundo atualmente são: (1) as leis existentes, (2) a influência da Igreja, (3) aspectos culturais e, (4) a pobreza.

As leis existentes, a Igreja e aspectos culturais previnem a mulher de uma educação formal e afetam a economia do Brasil. Analfabetismo gera pobreza e pobreza gera analfabetismo.

O Brasil detém uma das maiores dívidas externas do mundo, aspecto que tem contribuído para o aumento do empobrecimento da nação. Em um estudo para as Nações Unidas, Dunlop (1979) mencionou

"onde há pobreza é a mulher que sofre as piores conseqüências. Onde há discrimina-

ção, é a mulher a mais discriminada. Nascer mulher é nascer com menos condições para desenvolvimento pessoal que os homens, com menos possibilidade para desfrutar de liberdade, responsabilidade e privilégios existentes."

A maioria das leis no Brasil foram escritas para proteger a posição dominante do homem sobre a mulher (Prado, 1984). Por exemplo, o pátrio poder estabelecia que o marido era o "cabeça" do casal, exercendo autoridade sobre os filhos e condições gerais da família (Código Civil, Art. 380). As mulheres podem administrar bens comuns apenas com o consentimento formal do marido ou na ausência do mesmo, porém ele pode dispor dos bens sem o consentimento da mulher (Código Civil, Art. 274).

Na realidade, o tratamento de mulheres e esposas pode ser pior que a lei em si. No Brasil, o estupro pelo marido não é reconhecido pela lei. Ainda existia o aspecto da "defesa da honra" onde o marido traído que assassinava a mulher raramente era indiciado e raramente condenado (Prado, 1984). Em termos oficiais, esses aspectos já foram alterados, porém a prática cotidiana ainda apresenta resquícios dessa época por estar arraigada na cultura popular.

Outro obstáculo para a educação feminina é o conservadorismo da Igreja, principalmente a Católica. Em áreas rurais onde o padre é considerado mais que autoridade, é ainda pior. Nas leis da igreja está a figura da mulher submissa ao marido. Na essência, a igreja prega e solidifica a dominação do homem sobre a mulher.

A submissão feminina imposta pela Igreja (em ambos aspectos a dominação feminina e os filhos que "Deus mandar") é uma das maiores barreiras para a educação feminina. Não são apenas os aspectos físicos da gestação e criação dos filhos que impede a mulher de ir para a escola, mas os aspectos psicológicos são bastante limitadores. As atitudes femininas a seu respeito e o que lhes é permitido fazer em relação às suas vidas são altamente limitadores. Talvez a mais trágica atitude é passada dentro de casa, para filhos e filhas, sob a ótica de que o homem é mais e melhor que a mulher. No Brasil a indocinação feminina sob a perspectiva do "Marianismo" é bastante acentuada. Nessa situação, a mulher ganha respeito e influência através do marido, dedicando-se à casa, numa existência apolítica. Mulheres acreditam que uma vida de subserviência é a única vida desejável para elas (Jaquette, 1986).

Expectativas culturais também afetam o status educacional das mulheres. O prevaletimento do "machismo" na cultura latina é bastante marcante. A palavra tem vários significados, mas a base filosófica é um desrespeito à mulher. O homem "macho" usa a mulher, mas não a respeita. O macho tem poder sobre a mulher (Lugo, 1984). Em termos do cotidiano, "ser macho" significa manter "sua mulher" em casa, dizer-lhe o que fazer, e exigir que ela seja uma boa dona de casa e excelente mãe. Ser macho significa tomar todas as decisões importantes da casa.

A maneira como o machismo tornou-se uma barreira para a educação feminina é evidente. Se a mulher fica impossibilitada de deixar a casa, ela não pode chegar até a escola para receber educação. O homem controla o dinheiro e as decisões da casa; sem condições financeiras e suporte familiar fica difícil para o sexo feminino deixar de ser analfabeto e, muito menos, de receber uma escolarização mais adiantada. Lugo (1984) apontou que a dependência econômica torna as mulheres mais dependentes de suas famílias, mais vulneráveis sexualmente, e, sobretudo, enfraquece seu status econômico e social.

Para haver uma mudança na situação há uma urgência em modificar as leis vigentes para proteger os direitos femininos. Porém, mais importante ainda é impor para que a lei seja cumprida. Esta exigência no cumprimento da lei requer uma mudança de atitudes; o que é um sonho imaginar que a mudança ocorrerá da noite para o dia. Spicer (1952) observou três diferentes condições sob as quais é previsível dizer que as pessoas vão resistir a mudanças: (a) quando a mudança proposta não é entendida; (b) quando a mudança proposta ameaça a segurança básica da pessoa; e/ou (c) quando a mudança proposta é entendida como imposição. Conseqüentemente, qualquer estudo com intenções de propor mudanças na formação de segundo grau (para homens e mulheres) deve levar os três fatores acima mencionados em consideração.

PRESENTE SITUAÇÃO PARA PROMOÇÃO AO IGUAL ACESSO DE MOÇAS E MULHERES NA EDUCAÇÃO TÉCNICA E VOCACIONAL

O Centro Federal de Educação Tecnológica do Paraná - Cefet-PR é um centro de educação tecnológica que oferece educação de segundo grau e de nível superior. O Cefet-PR é considerado uma escola-modelo no Brasil, e seus egressos são considerados como os técnicos mais bem qualificados para a indústria. Mas, apesar disso, ainda é uma escola predominantemente masculina em suas áreas de excelência.

As estatísticas sobre a situação do sexo feminino no Cefet-PR têm a seguinte configuração. Apesar do significativo aumento no número de professoras nos últimos dez anos (veja tabelas 1, 2 e 3), a maioria delas está concentrada nas áreas de educação geral e apenas uma pequena porcentagem nas áreas de educação técnica.

1985	Masculino		Feminino		Total
	Ed. Técnica	Ed. Geral	Ed. Técnica	Ed. Geral	
2º Grau	197	142	12	48	399
Ens. Superior	71	46	01	02	120
TOTAL	268	188	13	50	519

TABELA 1. Número de professores no 2º Grau e no Ensino Superior no Cefet-PR em 1985

1990	Masculino		Feminino		Total
	Ed. Técnica	Ed. Geral	Ed. Técnica	Ed. Geral	
2º GRAU.	196	182	23	63	464
Ens. Superior	77	64	02	04	147
TOTAL	273	246	25	67	611

TABELA 2. Número de professores no 2º Grau e no Ensino Superior no Cefet-PR em 1990

1995	Masculino		Feminino		Total
	Ed. Técnica	Ed. Geral	Ed. Técnica	Ed. Geral	
2º GRAU.	232	140	35	58	465
Ens. Superior	45	24	07	06	82
TOTAL	277	164	42	64	547

TABELA 3. Número de professores no 2º Grau e no Ensino Superior no Cefet-PR em 1995

A situação fica mais evidente quando analisamos a distribuição por gênero de professores, por departamento acadêmico (veja tabela 4). O único departamento das áreas técnicas, no qual há um elevado índice na proporção de mulheres é no Departamento de Desenho Industrial. Essa situação pode ter como explicação o fato de que até a década de 70 esse era o Departamento de Decorações.

Departamentos	Masculino	Feminino	Total
Eletrônica	89	03	92
Eletrotécnica	78	05	83
Desenho Industrial	15	24	39
Mecânica	50	03	53
Construção Civil	45	07	52
Matemática	34	07	41
Física	32	08	40
Química / Biologia	22	11	33
Estudos Sociais	14	03	17
Comunicação e Expressão	14	21	35
Economia / Administração	11	02	13
Educação Física	13	06	19
Informática	24	06	30
TOTAL	441	106	547

TABELA 4. Número de professores(as) no Cefet-PR em 1995 por Departamento Acadêmico

O corpo docente é composto por uma população predominantemente masculina (Tabelas 5 e 5a), no 2º Grau, e mais ainda no ensino superior (Tabelas 6 e 6a). A única exceção no 2º grau, também, é no Departamento de Desenho Industrial. Podemos evidenciar ainda um crescente aumento do sexo feminino no Departamento de Construção Civil, também em nível de 2º grau.

2º GRAU CURSO	1985		1986		1987		1988		1989	
	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F
ELETRÔNICA	1304	181	1104	167	1113	145	1073	152	1028	143
ELETROTÉCNICA.	1140	114	927	100	945	110	915	106	928	108
CONSTR. CIVIL	703	399	508	312	522	296	531	324	552	385
MECÂNICA	1349	47	1164	47	1164	53	1137	65	1130	64
TELECOMUNIC.	272	107	184	77	164	72	167	72	165	72
DESENHO IND.	334	747	260	675	280	678	301	720	302	750
TOTAL	5102	1595	4147	1378	4188	1354	4124	1439	4105	1522

TABELA 5. Número de alunos(as) no 2º Grau no Cefet-PR de 1985 à 1989

PROG	1990		1991		1992		1993		1994		1995	
	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F
ELETR	1105	157	1030	153	1153	161	1165	150	1132	144	1135	142
ELETCN	929	97	953	123	1055	147	1066	155	1021	162	1019	170
CONSTR.	555	402	545	464	602	519	627	527	603	519	599	513
MEC.	1142	66	1158	72	1279	78	1286	85	1304	90	1283	100
TELECOM	141	65	149	61	155	70	154	78	174	76	182	86
DES. IND.	320	760	325	797	364	874	360	852	360	808	360	775
TOTAL	4192	1547	4160	1670	4608	1849	4658	1847	4594	1799	4578	1786

TABELA 5a. Número de alunos(as) no 2º Grau no Cefet-PR de 1990 à 1995

ENS. SUPERIOR CURSO	1985		1986		1987		1988		1989	
	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F
ENG. IND. ELTR	436	24	416	20	441	20	440	26	429	25
ENG. IND. ELTT	436	31	418	29	433	31	405	34	404	30
CONSTR.CIVIL	102	28	74	28	69	25	71	23	57	23
ENG. IND. MEC	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
TOTAL	974	83	908	77	943	76	916	83	462	78

TABELA 6. Número de alunos(as) no Ensino Superior no Cefet-PR de 1985 à 1989

ENS. SUPERIOR CURSO	1990		1991		1992		1993		1994		1995	
	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F
ELETR	416	27	410	33	426	32	418	32	415	27	396	29
ELTT.	405	32	408	32	412	33	422	32	399	33	407	33
C. CIV.	71	29	73	26	79	28	69	36	66	36	75	38
MEC.	-	-	-	-	58	-	124	2	185	4	237	3
TOTAL	892	88	891	91	975	93	1033	102	1065	100	1115	103

TABELA 6a. Número de alunos(as) no Ensino Superior no Cefet-PR de 1990 à 1995

BREVE DESCRIÇÃO DE ESTRATÉGIAS FUTURAS E PLANOS

Considerando a falta de dados sobre a presente situação das moças e mulheres em termos do acesso a educação técnica e vocacional e a importância do assunto no Brasil, as seguintes estratégias serão adotadas para melhor desenvolvimento de pesquisas:

1) Promover pesquisa interdisciplinar sobre moças e mulheres em educação técnica vocacional relacionadas às áreas de trabalho, sociedade e outras;

2) Promover ampla discussão através de seminários e conferências, envolvendo outras instituições de educação técnica e corpos representativos, tais como organizações femininas, igreja, políticos, sindicatos e outros;

3) Criar um banco de dados no Cefet-PR, com intuito de coletar e organizar informações sobre a situação da mulher com relação a educação técnica vocacional no Estado do Paraná e, se possível, estender a todo o País.

Para atingir estas metas é de grande importância que as sugestões acima sejam apoiadas e financiadas por agências nacionais e internacionais.

CONCLUSÃO

As informações para este estudo tiveram origem em uma reconhecida instituição de ensino - Cefet-PR. Porém, devemos ser cautelosos ao traçar conclusões baseados nos resultados, porque a escola: a) tem um selecionado corpo discente, b) está situada em uma região urbana do Brasil, e c) está localizada em Curitiba, uma cidade reconhecida internacionalmente como uma comunidade-modelo, em consequência de várias iniciativas que têm afetado o nível de vida de seus residentes.

Apesar de apontarmos a necessidade de pesquisa para coletar dados e identificar problemas de gênero na educação técnica vocacional, a questão é como modificar as variáveis que estão impedindo brasileiras de renda sócio-econômica média e baixa a avançar no sistema educacional e ganhar posições de prestígio e autoridade na indústria, comércio, e agências governamentais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Barreto, E. S. S, et al. (1979). Ensino de 1° e 2° graus: Intenção e realidade. *Cadernos de Pesquisa*, 30, 21-40.

- Cefet-PR. (1995). Centro Federal de Educação Tecnológica do Paraná. *CPD - Centro de Processamento de Dados*.
- Cowen, R., & Figueiredo, M. (1992). Brazil. In P. W. Cookson, Jr., A. R. Sadovnik, & S. F. Semel (Eds.), *International handbook of educational reform* (pp. 53-67). New York: Greenwood Press.
- Dunlop, B. (1979, September 2). World's Women Share Grim Lot. *Knight-Ridder Newspaper*, p. 4.
- Ferrari, A. R. (1985). Analfabetismo no Brasil: Tendência secular avanços recentes: resultados preliminares. *Cadernos de Pesquisa*, 52, 35-49.
- Hausman, F., & Haar, J. (1978). *Education in Brazil*. Hamden, CT: Archor Books.
- Jaquette, J. S. (1986). Female Political Participation In Latin America: Raising Feminist Issues. In L. B. Iglitzin & R. Ross (Eds.) *Women in the world 1975-1985: The women's decade* (pp. 243-271).. Santa Barbara, CA: ABC - Clio Information Services.
- Kelly, G., & Nihlen, A. (1982). Schooling and the reproduction of patriarchy. In M. W. Apple (Ed.) *Cultural and economic reproduction in education*. London: Routledge & Kegan Paul.
- Lugo, C. (1984). Brazil and Mexico: pioneers and promoters of women. In R. Morgan, (Ed.) *Sisterhood is global: The international women's movement* (pp. 441-443). Garden City, New York: Anchor Press/Doubled.
- Mello, G. N. (1982). *Magistério de 1° grau: Da competência técnica ao compromisso político*. São Paulo: Autores Associados/Cortez.
- Prado, D. (1984). Brazil: A fertile but ambiguous feminist terrain. In R. Morgan (Ed.), *Sisterhood is global: The international women's movement anthropology* (pp. 80-88). Boubleday, NY: Anchor Press.
- Riddell, A. S., (1986). The Status of Women in Mexico: The Impact of The 'International Year of The Women.' In L. B. Iglitzin & R. Ross (Eds.) *Women in the world 1975-1985: The women's decade* (pp. 305-324). Santa Barbara, CA: ABC - Clio Information Services.
- Rosemberg, F. (1992). Education, democratization, and Inequality in Brazil. In N. P. Stromquist (Ed.), *Women and education in Latin America: Knowledge, power, and change* (pp. 33-46). Boulder, CO: Lynne Rienner Publishers.
- Rosemberg, F., Pinto, R. P., & Negrão, E. V. (1985). *Diagnóstico sobre a situação educacional de negros (pretos e pardos) no Estado de São Paulo*. São Paulo: Fundação Carlos Chagas.
- Safa, H. I. (1992). Development and changing gender roles in Latin America and the Caribbean. In H. Kahne & J. Z. Giele (Eds.), *Women's work and women's lives: The continuing struggle worldwide* (pp. 69-86). Boulder, CO: Westview Press.
- Saviani, D. (1983). *Escola e democracia*. São Paulo: Cortez/Autores Associados.
- SENAI. DN. DPEA., (1992). *Promoção da participação da mulher na formação técnica e profissional*. (CDU 377:395.5). Rio de Janeiro, Brasil: Author.
- Viveros, E. (1992). Vocational training and job opportunities for women in northeast Brazil. In N. P. Stromquist (Ed.), *Women and education in Latin America: Knowledge, power, and change* (pp. 195-226). Boulder, CO: Lynne Rienner Publishers.